

**A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA:
UMA ABORDAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

***THE INFLUENCE OF AFFECTIVENESS IN SIGNIFICANT LEARNING:
AN APPROACH TO CHILD EDUCATION***

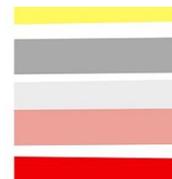
Prof. Ma. Léa Barbosa de Sousa
Centro Universitário INTA – UNINTA
lea-b@hotmail.com

Resumo: A influência da afetividade na aprendizagem significativa é tema deste artigo. Muito se fala em aprendizagem, o que é aprender, como o sujeito aprende, entre outros questionamentos. A aprendizagem acontece numa troca de experiências, deve ser permeada de afeto, de ambos, professor/aluno, aluno/professor. Não deve ser uma aprendizagem baseada apenas no conteúdo, o conteúdo é significativo, mas sem afetos, nada parece bom aos olhos de quem vai à procura de aprender. Seguir somente o currículo é seguir um sistema que só o ensino é mais importante, mas, o mais importante é ensinar a amar, a ter empatia com o outro, e isto só é possível através do afeto e da afetividade. Para que ocorra sucesso no ensino e na aprendizagem é necessário demonstrar zelo pelo aprendiz. O artigo abordará afetividade: um diálogo com alguns teóricos. Afetividade e permissividade e no terceiro tópico falaremos sobre família e escola um diálogo possível. Os autores mencionados neste artigo muito têm contribuído com os aspectos já destacados, entre eles temos: Wallon (1968); Piaget (1971); Vygotsky (1984); Winnicott (1971); Maturana (2004); Almeida (1999); Zagury (2004), outros autores foram utilizados no decorrer desse trabalho, acrescentando que a aprendizagem é fundamental quando existe afetividade nos relacionamentos interpessoais.

Palavras – chave: Aprendizagem. Afetividade. Educador. Educando. Família.

Abstract: *In this work, with the title In this work, with the title Affectivity in the school context of early childhood education: relevance for meaningful learning we sought to make a bibliographical study complemented by a field study focusing on the issues of affection, having as object of study affectivity in meaningful learning with five (05) years old children. It is undisputed the importance of affection attached to learning. Children who do not receive affection have serious impairments in several areas: cognitive, psychological and social. The educational programs need to establish an emotional bond between school and family. Family issues are present in the student's life, thus allowing a discussion between the school and family institutions. The school and family should establish a reciprocal relationship where both need each other. This paper makes an analysis on the question of affection on the child's relationship with teachers, family and herself. For this were worked six drawings with five children from Kindergarten, Public and Private Schools; interviews with five parents, teachers and administrators. The results were analyzed and it was observed that children are mostly well emotionally, they feel cared for and loved by their parents. However, there is a need to work more affection in both schools. Thus, the proposal presented here has as aim to clarify to the reader the importance of affectivity in the healthy child development, as well as discuss various relevant issues of early childhood education. The theoretical background is based in authors who, over the years, have contributed a lot to the question of affections, namely: Wallon (1968), Piaget (1971), Vygotsky (1991), Winnicott (1971), Maturana (2004), Almeida (1999), Zagury (2004) among others discussed in this dissertation, which clarifies that educate demands time, patience and dedication, both in the family as the school environment.*

Keywords: *Affectivity. Caring. Family. Early Childhood Education.*



1 Introdução

O presente artigo com o tema a influência da afetividade na aprendizagem significativa, é um assunto relevante nos dias atuais, mas, pouco explorado pelos pesquisadores, assuntos esses imprescindíveis que têm contribuído com a aprendizagem desde a Educação Infantil ao Ensino Superior.

As relações de afetividade sejam na sala de aula com os professores ou em casa com os familiares, é um assunto que merece atenção e uma boa discussão. Neste sentido temos um teórico que inovou ao pesquisar e dizer que a afetividade é uns dos aspectos centrais do desenvolvimento Wallon (1968).

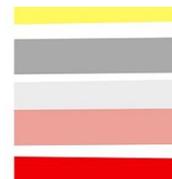
Entende-se como afeto os sentimentos que estão intrínsecos em cada sujeito e de forma diferente, entre estes sentimentos vale citar: carinho, atenção, acolhimento, vínculo, respeito mútuo, entre outros. A afetividade é fundamental nas relações humanas; julga-se o tema importante na formação do sujeito, onde o principal ator é o desenvolvimento pleno do educando. Sendo assim a afetividade está presente no processo de ensino/aprendizagem, iniciando na Educação Infantil como base as outras aprendizagens. É na Educação Infantil que se inicia a construção do limite, das regras e dos valores essenciais na constituição do indivíduo, transformando-o em um cidadão de direito e conscientemente também de deveres.

Para maior compreensão do leitor, o artigo foi dividido em três tópicos relevantes para a discussão que se propõe neste discurso sobre aprendizagem e afetividade. A saber: No tópico afetividade: um diálogo com alguns teóricos. Tópico dois afetividade e permissividade e no terceiro tópico falaremos sobre família e escola um diálogo possível.

Tecemos algumas considerações sobre afetividade e aprendizagem, focando na relevância de aprender baseado em afeto.

2 Afetividade: um diálogo com alguns teóricos

É pertinente iniciar este tópico falando de quem mais discursou sobre a afetividade, Wallon (1968) destacou a afetividade como sendo um dos aspectos centrais e mais importante para o desenvolvimento da criança. Ele coloca que a interação e o estímulo é a base para uma



aprendizagem bem estruturada. Pontua a importância da relação saudável abrindo portas para o ser humano e a criança aprender.

Fazendo uma breve ilustração da interação e estímulo entre adulto e criança, pode-se citar o exemplo de uma criança que está começando a dar os seus primeiros passos, com os braços abertos e as mãos estendidas para o bebê e o adulto interagir, estimulando e encorajando as crianças a executarem a ação do andar. Com este movimento a criança amplia os seus conhecimentos e é estimulada a aprender a andar, que para ela é algo muito prazeroso de fazer, é descoberta, e tudo que a criança descobre sente o desejo intrínseco de fazer novamente.

No entanto nesta ação de aprender a andar ela se sente segura, pois o outro a autoriza a executar esta atividade com acompanhamento e acolhimento.

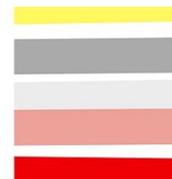
Wallon (1968) aborda que o processo de evolução resulta da função biológica e do ambiente no qual o sujeito faz parte. Acrescenta dizendo que o ambiente o afeta de alguma forma. O sujeito nasce com a função orgânica, que lhe capacita mediado através dos recursos. No entanto, o meio vai permitir que esses recursos desenvolvam-se de forma plena no sujeito. Uma situação bem interessante, uma criança tem sua audição bem desenvolvida e escuta muito bem, esta criança só desenvolverá a fala se o ambiente em que ela está a desperte para isto; a criança precisa ouvir, falar e se desenvolver, entretanto é necessário que haja estímulo.

Wallon (1968) também dividiu as etapas do desenvolvimento. Sabe-se que Piaget (1971) também fez sua divisão e mostrou como o sujeito se desenvolve no decorrer da vida, nomeando quatro fases fundamentais: sensório motor, pré-operatório, operação concreta e operações formais.

Para Wallon (1968) o desenvolvimento humano passa por cinco etapas, impulsivo-emocional; sensório-motor e projetivo; personalismo; categorial; puberdade e adolescência.

No estágio impulsivo-emocional é o estágio que abrange o primeiro ano de vida da criança. Galvão (1995) escreve:

(...) o colorido peculiar é dado pela emoção, instrumento privilegiado de interação da criança com o meio. Resposta ao seu estado de imperícia, a predominância da afetividade orienta as primeiras reações do bebê às pessoas, as quais intermediam sua relação com o mundo físico; a exuberância de suas manifestações afetivas é diretamente proporcional a sua inaptidão para agir diretamente sobre a realidade exterior (GALVÃO, 1995, p. 43).



Vê-se a importância da afetividade no desenvolvimento da criança ainda no seu primeiro ano de vida. O mais importante é a mediação do adulto no desenvolvimento saudável dessa criança.

Ainda Galvão descreve como se dá o desenvolvimento do estágio sensório motor e projetivo.

No estágio sensório motor e projetivo, que vai até o terceiro ano, o interesse da criança se volta para a exploração sensória motora do mundo físico. A aquisição da marcha e da preensão possibilita-lhe maior autonomia na manipulação de objetos e na exploração de espaços. Outro marco fundamental deste estágio é o desenvolvimento da função simbólica e da linguagem. O termo “projetivo” empregado para nomear o estágio deve-se a característica do funcionamento mental neste período: ainda nascente, o pensamento precisa do auxílio dos gestos para exteriorizar, o ato mental “projeta-se” em atos motores. Ao contrário do estágio anterior, neste predominam as relações cognitivas com o meio (inteligência prática e simbólica) (1995, p. 44).

Percebe-se que a criança neste estágio se envolve com o meio e os objetos que fazem parte, e um desses elementos é a mediação do adulto. Para a criança se firmar no ambiente é preciso da interação constante do adulto.

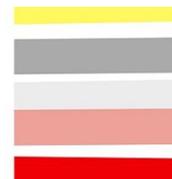
No estágio do personalismo Galvão esclarece:

(...) cobre a faixa dos três aos seis anos, a tarefa central é o processo de formação da personalidade. A construção da consciência de si, que se dá por meio das interações sociais, reorienta o interesse da criança para as pessoas, definindo o retorno da predominância das relações afetiva (1995, p. 44).

Como se viu é de fundamental importância a criança ter uma relação de afeto positiva com as pessoas que a cercam, ao contrário terá prejuízos na formação da personalidade, pois esta faixa de idade é essencial para a formação da personalidade, irá aprender com o meio social a qual faz parte.

Ainda Galvão fala sobre o estágio categorial:

(...) por volta dos seis anos, inicia-se o estágio categorial, que, graças à consolidação da função simbólica e à diferenciação da personalidade realizadas no estágio anterior, traz importantes avanços no plano da inteligência. Os progressos intelectuais dirigem o interesse da criança para as coisas, para o conhecimento e conquista do mundo exterior, imprimindo às suas relações como meio preponderância do aspecto cognitivo (1995, p. 44).



Afigura-se muito interessante este estágio do desenvolvimento, pode-se ressaltar a importância do afeto na relação aluno/professor, já que é uma etapa de descobertas intelectuais, a busca pelo conhecimento exterior foi despertada e a vontade de interagir com outro.

O último estágio é muito importante, não que os anteriores não sejam, mas este é voltado para a adolescência; se os estágios anteriores não tiverem sido bem desenvolvidos, provavelmente este último será mais difícil para o adolescente.

Conforme Galvão pontua o seguinte:

(...) a crise pubertária rompe a “tranquilidade” afetiva que caracterizou o estágio categorial e impõe a necessidade de uma nova definição dos contornos da personalidade, desestruturados devido às modificações corporais resultantes da ação hormonal. Este processo traz à tona questões pessoais, morais e existenciais, numa retomada da predominância da afetividade (1995, p. 44-45).

Relevante este estágio no amadurecimento do adolescente, nota-se que por mais que seja difícil este estágio mostra a maturação que o mesmo terá em relação a sua vida e as reações que terá frente aos obstáculos encontrados. Wallon (1975) contribuiu eficazmente com o desenvolvimento humano e a questão da afetividade; este sentimento tão fundamental na vida do ser humano.

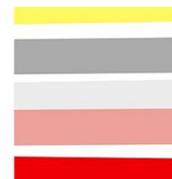
Para Piaget (1982), o desenvolvimento intelectual é movido por dois componentes que segundo ele são fundamentais para o sujeito aprender: o cognitivo e o afetivo. O afetivo está relacionado aos sentimentos de interesses, desejos, tendências, valores e emoções. O cognitivo se desenvolve juntamente com o afetivo.

Para Piaget (1971):

A vida afetiva, como a vida intelectual é uma adaptação contínua e as duas adaptações são, não somente paralelas, mas interdependentes, pois os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura (PIAGET, 1971, p. 271).

Fica visível a importância do afeto na construção da inteligência. A criança assimila o que aprende com satisfação se o afeto estiver bem desenvolvido na sua relação com a aprendizagem.

Para Vygotsky (1991) a questão da afetividade foi abordada com cautela, pois sua teoria está voltada para a interação social, porém com brevidade pontuou algo sobre afetividade, destacando mais o lado crítico. Ele diz que o aluno é aquilo que ele próprio realizará, e não o



que recebe. Nota-se que este autor por mais que seja sócio interacionista não acredita muito na relação afetiva entre as pessoas e o seu meio.

Segundo sua teoria, ele valoriza as interações sociais, logo se pensa em mediação, o adulto é um mediador de informações, ensina os valores conforme sua cultura. Entende-se que este processo inicia-se com a família, e posteriormente na escola e em outros meios sociais que o sujeito venha a frequentar.

A afetividade faz parte desta mediação, o sujeito que é tratado com afeto pela família e pelas demais instituições que lhe cercam, tem uma melhor interação no meio em que vive, com certeza terá um melhor desenvolvimento.

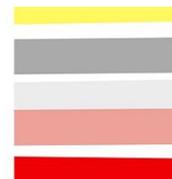
Para Morales (2003, p.54) a qualidade das relações interpessoais manifesta-se de muitas maneiras: dedicar tempo à comunicação com os alunos, manifestando afeto e interesse, elogiando com sinceridade, interagindo com os alunos com prazer. Esta comunicação interpessoal deve ter início na convivência familiar onde às crianças se comunicam com mais segurança.

Para a afetividade acontecer no seio familiar é preciso de referências positivas, pessoas encarregadas de estabelecer os limites quando necessários, ensinar as crianças com paciência e coerência, só assim teremos crianças afetivas e com uma personalidade emocionalmente equilibrada.

Parolin (2010) define que a afetividade é um conceito bem abrangente, em cujo bojo encontra-se o desenvolvimento da pessoa. Destaca:

Ela é tão importante enquanto a inteligência e é, portanto, ponto de partida para o desenvolvimento de uma pessoa. A partir da interação com o outro, a criança socializa-se e começa a manifestar-se emocionalmente. A afetividade e a inteligência constituem um par inseparável e que evolui a partir das experiências vividas. Modifica-se e fica mais elaborado à medida que a criança amadurece suas relações. A emoção é a expressão da afetividade e a afetividade integra sentimentos e emoções. A afetividade tende a tornar-se mais moral, pois à medida que sofrem influências da atividade racional, ela se modifica. A vida afetiva sofre influência da vida intelectual, e vice-versa. Estas são, ao mesmo tempo, antagônicas e complementares, pois, enquanto um indivíduo se desenvolve, suas necessidades afetivas vão tornando-se prioridades cognitivas (2010, p. 56).

Diante do exposto a afetividade é importante para o aprendizado de uma criança. Quando as coisas não vão bem o interior é afetado, a afetividade é essencial na vida do sujeito e em seu desenvolvimento.



3 Afetividade e Permissividade

Sabe-se que existem fatores que predominam o comportamento das pessoas, a saber: a herança genética, o aprendizado adquirido com o meio, e as influências culturais recebidas pelo sujeito.

Na relação pais e filhos todo cuidado é preciso para que os papéis não se invertam. É preciso deixar claro para criança o que é afetividade e o que permissividade.

TIBA (1996) escreve sobre o valor da permissividade destacando que a permissão para os pais funciona como uma autorização para os filhos.

Destaca:

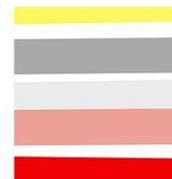
Criar é fácil, difícil é educar. Assim, não basta permitir, mas conferir á permissão um caráter educativo. Muitas permissões nascem da impaciência, do cansaço, da preguiça, do comodismo e da perda de referencia dos pais para educar. Educar dá muito trabalho. E essa permissão, às vezes, está implícita no olhar ou até mesmo no tom de voz, apesar de a frase ser “não pode” (1996, p. 32).

A educação dos filhos requer dos pais grandes responsabilidades, para isto é necessário que façam uma introspecção em relação à sua pessoa, procurar conhecer a si para depois conhecer o outro, fazer análise dos sentimentos e controlar as emoções, é necessário. Pois os pais e responsáveis pela criança precisam conviver melhor com os filhos para exigir controle e firmeza nas palavras.

Para confirmar a fala acima temos ainda a contribuição de Tiba:

A criança está descobrindo o mundo. Tudo é novidade. O pode/não pode é um critério estabelecido pelos pais que terá consequências na conceituação da liberdade pessoal. É muito diferente o pai que transmite ao filho o verdadeiro conceito de liberdade daquele que exigindo demais, toma o filho um eterno revoltado (1996, p. 33).

Existem pais autoritários que não sabem dialogar com seus filhos, só sabem dá ordens, e isto pode causar prejuízo no desenvolvimento da criança. São pais que dão pouco afeto, onde não existe diálogo; e o filho não participa de decisões importantes que por vezes está incluído nesta decisão, a criança neste caso é passiva. São pais que impõe muitas regras e limites, deixando a criança sufocada, pois não pode desobedecer e nem questionar o que é colocado pelo pai.



Conforme Weber (2007, p. 63), comenta que os filhos desses pais tendem a ter um desempenho escolar razoável, poucos problemas de comportamento, mas são crianças submissas, com baixa autoestima, estressadas e ansiosas.

Acrescenta Mussen, Conger e Kagan (1977, p, 339), “as crianças que crescem em lares autoritários, podem ser punidas por manifestarem curiosidade, espontaneidade ou autoafirmação”. Importante no relacionamento familiar é dosar, nada além da medida, e conversar, quando há liberdade de expressão no lar, tudo flui tranquilamente e com muita paz.

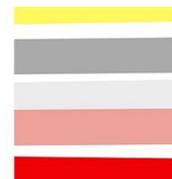
O pai permissivo também gera problemas na relação familiar. É aquele que permite que o filho faça tudo, pode tudo. O afeto é dado sem medida não participa com efetivação das escolhas do filho, sempre dizendo sim para tudo. É um lar onde os filhos desconhecem limites e regras. Os pais que educam os filhos com permissividade estão contribuindo para um baixo desempenho escolar, são crianças que terão problemas de aprendizagem e de socialização. De acordo com Mussen, Conger e Kagan (1977, p. 340) “os filhos de pais permissivos são imaturos, dependentes e pouco autoconfiantes”.

Existe também aquele pai negligente que não presta atenção ao interesse dos filhos, não valoriza o diálogo, não olha no olho do filho, simplesmente não age como pai. Não existe afeto e nem participação, há também a falta de regras e limites. O filho terá tendência a comportamentos antissociais, os estudos são afetados, será propenso à depressão, pessimismo e estresse. Segundo Mussen, Conger e Kagan (1977. p, 356) “os pais negligentes não conseguem exercer um controle parental apropriado, ou são inconsistente no uso da disciplina”.

É preciso saber educar, usar com sabedoria o papel de pai, não abusar, mas ensinar, mostrar, dialogar, ser criterioso, e acima de tudo respeitar. A relação entre pais e filhos é fundamental para que a criança tenha confiança no que irá realizar.

A participação dos pais na vida do filho o deixará mais seguro e animado. Os pais participativos demonstram ao filho afeto, interesse pelo o que faz; estabelecem regras e limites, o respeito é entendido, e a criança sente-se valorizada, amada e tem prazer em viver, tornando-se uma criança comunicativa que gosta de fazer amizades.

Conforme Mussen, Conger e Kagan (1977, p. 354) os filhos “são calorosos e receptivos. É provável que o filho desses pais seja bastante pró-ativo, expansivo, socialmente assertivo, independente e criativo”.



Nota-se na colocação do autor que uma criança feliz, sabe o que são regras e limites e aceita naturalmente. É importante que os filhos sejam criados com amor, acima de tudo sabendo lidar com todas as situações que ao longo da vida será imposta a elas.

Antunes (1999) escreve:

É indispensável que os pais possam educar seus filhos com doçura, sendo coerentes, não se deixando subornar nem recuando ante o primeiro choro, exercendo a autoridade com firmeza sem jamais delegá-la a outro (“quando seu pai chegar, você vai ver”) e decidindo com determinação, justificando por que fez, e sem demorar muito para chegar à conclusão. Até os 3 anos, explicações curtas são suficientes, dos 3 aos 5, necessitam de uma abrangência um pouco mais ampla (1999, p. 54).

Vê-se na colocação do autor a importância dos pais na educação dos filhos, ele traz um alerta no que diz respeito à firmeza que os pais devem ter em seus diálogos com os filhos.

Ainda Antunes (1999) esclarece a importância de estabelecer limites e dizer “não” nem sempre é fácil e, é claro, não é recebida com aplausos pela criança. Acrescenta dizendo que se a criança “apronta”, é necessário agir com rapidez. Educar para o “sim” é fácil; educar para o “não”, imprescindível.

Antunes (1999) acrescenta que toda a família necessita falar a mesma língua. Pai e mãe e, se possível, tios e avós devem ajustar seus ponteiros e combinar os “sins” e os “nãos” a serem trabalhados. Se não houver coerência entre todos, que pelo menos exista entre o casal. Essa atitude dos pais em ensinar as regras no lar é essencial para um crescimento e adaptação da criança no meio social, uma vez que tenha aprendido a elaborar as regras de convivência em casa aplicará em outros ambientes.

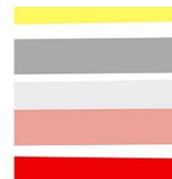
Vale ressaltar que a leitura de bons livros também ajuda aos pais a se conhecerem melhor e educar os filhos da melhor maneira possível, mas sem carinho, atenção, paciência e dedicação se tornam difícil. As crianças sentem e necessitam do amor dos pais e das pessoas que a cercam para viver melhor. A afetividade faz a diferença na educação.

Antunes sugere:

Esteja sempre atento para perceber a emoção das crianças. O que dizem é sempre menos importantes do que o que as leva a dizê-lo.
Reconheça na emoção uma oportunidade de intimidade e um meio para a sua educação, legitimando-a. Isto é, jamais se deixe levar pela ideia de que é desejável que a criança sinta ódio, frustração ou desapontamento.
Ouça a criança com empatia, buscando sentir o que ela está sentindo.
Ajude a criança encontrar palavras para identificar o que, realmente, está sentindo.



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



Estabeleça limites, mas aceite discutir e, junto com a criança procure estratégias para a solução de seus problemas (ANTUNES, 1999, p. 56-57).

As sugestões citadas acima são de fundamental importância na relação pais e filhos, quando os pais observam e participam ativamente da vida dos filhos o diálogo, a confiança, o respeito mútuo fluem, mas não se deve esquecer que os limites devem ser colocados sempre que necessário.

Para Capelatto (2008), a afetividade pode dizer que é uma dinâmica mais profunda e complexa que o ser humano pode participar, tendo início no momento que o ser humano tem contato com outro, e este contato se dá pelo amor, sentimento este que liga duas pessoas diferentes, mas com algo comum: o afeto.

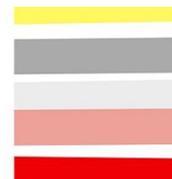
Vivemos em um tempo de grande permissividade, pais que não podem dizer “não” aos filhos. Conforme especialistas, a violência que hoje assistimos nos jornais e vemos diariamente é consequência de um lar permissivo.

As crianças que estabelecem vínculos positivos e harmoniosos nos seus momentos de frustrações e medos, estes recebem amor e compreensão dos pais e responsáveis pois desenvolverão uma identidade mais saudável, conseguirão adaptar-se as diversas crises, principalmente as frustrações, sabendo assim lidar com as mesmas até que esteja pronto para realizar seus desejos; isto só será possível se esta criança crescer em um lar afetivo, onde foi ensinada à mesma a diferença entre afetividade e permissividade.

As crianças e os adolescentes que se deixam levar pelos impulsos em direção a permissividade autorizada pelos pais podem ser prejudicados no desenvolvimento de sua personalidade, eles entenderão mais tarde, que os pais os deixaram fazer isto, não dialogando e ensinado que as coisas fora do lar são bem diferentes. O que foi permitido pelos pais será sentido pela criança ou adolescente como falta de afeto, pois alçaram “voos” antes de estarem pronto.

É necessário que a família esteja sempre junta, não importa qual seja a situação, quando há amor, harmonia, há compreensão. O grande diferencial na relação familiar é o vínculo afetivo, este une a família na alegria, na tristeza, no amor e nas frustrações.

Quando os filhos experimentam estes sentimentos juntamente com a família, demonstram maturidade diante dos problemas que enfrentarão no decorrer do seu desenvolvimento. Sendo assim, é imprescindível a participação de todos que compõem a família no dia a dia, ouvirem um ao outro, intervir quando necessário, praticar os afetos sempre.



Por que está tão difícil educar os filhos no século XXI? Por que os pais optam pela permissividade? São duas perguntas fáceis de responder: a correria dos pais, a competitividade cada vez maior exige mais de ambos, não restando muito tempo para amenizar as situações e os conflitos familiares. Mas há ainda outro questionamento: e aí? Como crescerão estas crianças, que valores passarão como viverão emocionalmente?

Mesmo que o mercado de trabalho exija muito dos pais, é preciso arranjar um tempo para se dedicar também aos filhos, mostrá-los que estão por perto sempre que precisarem. Sabe-se que educar filhos não é fácil, exige comprometimento dos pais e responsáveis.

4 Família e escola um diálogo possível

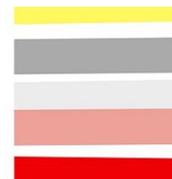
Considera-se este tópico de suma importância, não que os outros tópicos não tenham a mesma importância que este o que diferencia é a relação entre a família e a escola, um diálogo cada vez mais difícil de existir, mas essencial. Conforme Capelatto (2008, p. 63), “a escola hoje tem de se conscientizar de que é uma instituição afetiva, que complementa a família”.

Sem dúvida a relação da escola hoje em dia com seus educandos é uma relação que a afetividade deve fazer parte, mas a família deve estar mais presente e acompanhar os filhos mais de perto, só assim a qualidade do ensino será melhor.

Os benefícios que o diálogo entre família e escola traz para a vida acadêmica dos filhos são importantíssimos. A integração entre estas duas esferas institucionais faz com que a aprendizagem das crianças seja cada vez melhor. Quem afirma isto é Gomide (2007, p. 45): “O afeto é um excelente mediador para a aprendizagem”. Chapman e Campbell (2002, p. 149) completam dizendo que “o desenvolvimento emocional pode provocar uma tremenda diferença no processo de aprendizagem e rapidez de compreensão de uma criança, e esta é uma área em que os pais mais podem ajudar”.

A família é o primeiro grupo de convivência pessoal, ela é sem dúvida exemplo para os filhos e para a vida. A família independente de sua estrutura é modelo para a criança, ela aprende conforme o meio social em que está, desse meio ela absorve o que vê e entende como algo importante para sua formação.

Tem-se na perspectiva de Gomide (2007) que os valores morais e os padrões de conduta são adquiridos essencialmente através do convívio familiar. Quando a família deixa de transmitir estes valores adequadamente, os demais veículos formativos ocupam o seu papel.



Sabe-se que cada um tem um papel fundamental na educação da criança, tanto a família quanto a escola tem papéis separados, mas juntos são mais fortes. O aluno também tem o seu.

Entende-se que o papel primordial dos pais é com a disciplina de seus filhos, fixando regras adequadas e equilibradas de vida. Tem como reforço a fala de Zagury (2004, p. 28) que complementa dizendo que o objetivo maior da educação é dotar os filhos de capacidades de reflexão e análise, de poder de decisão, calcado em valores morais e éticos, que os afastarão de grande parte dos perigos dessa vida.

A escola também deve deixar clara as regras e as normas que devem ser seguidas por todos. Antunes (2005, p. 122) comenta que um dos quatro focos da indisciplina na escola é a ausência de clareza quanto às normas estabelecidas por parte da equipe pedagógica.

O autor supracitado relata ainda que a escola precisa valorizar os professores, incentivando-os a serem assíduos no trabalho; a pontualidade deve ser reforçada. Cobramos, mas não fazemos a nossa parte para dar um bom exemplo de disciplina. A disciplina deve estar presente na escola e no lar também. Os pais e responsáveis devem ensinar as crianças a serem disciplinadas.

Tiba (1996, p. 97) acrescenta em linhas gerais que a disciplina é um conjunto de regras éticas utilizadas para atingir um objetivo. Destaca dizendo ainda que a ética é entendida, aqui, como critério qualitativo do comportamento humano que envolve e preserva o respeito ao bem-estar biopsicossocial.

O papel da criança é cumprir o que se encontra determinado em cada proposta escolar no que diz respeito a seus direitos e deveres, entretanto é de suma importância que a família seja parceira da escola neste quesito, pois, se em casa a criança segue as regras e normas estabelecidas pelos pais, na escola ela também cumprirá sem problemas.

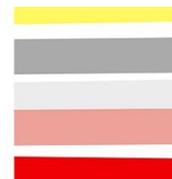
As boas inter-relações promovem um ambiente mais agradável e isto possibilita oportunidade de um processo ensino/aprendizagem mais eficaz, que enriquece o trabalho de ambos, professor/ensinante e aluno/aprendente.

Em relação a questão das regras em sala de aula é importante para a organização do ensino e da aprendizagem, assim como em qualquer outro ambiente de convivência. No entanto saber usar o vocabulário em sala de aula, entender o educando e o mesmo entender e compreender o educador, é uma atitude de carinho onde ambos contribuíram para uma educação cada vez mais prazerosa, onde o carinho será constantemente presente.

Conforme Óscar (2008, p. 107):



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



(...) a escola é uma instituição pública, concebida no século XVIII para responder aos anseios de democratização e das necessidades de formação da época. Os Estados Ocidentais, nos finais do séc. XIX e princípios do século XX, conscientes da importância da qualificação dos seus cidadãos, e reconhecendo o direito de todos à educação, tornaram a escola estatal, universal e gratuita.

A informação supracitada é relevante no contexto deste trabalho, pois conforme o autor nos chama atenção sobre a importância dado à cidadania e ao acompanhamento diário subentendido da família, em todos os quesitos, principalmente o que está aprendendo na escola e como está aprendendo.

Os educadores precisam e devem ser carinhosos com os educandos, pois agindo com carinho e atenção à aprendizagem significativa será relevante tanto para quem ensina quanto para quem aprende.

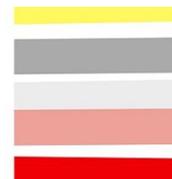
É sabido de todos que trabalham com a educação, que o trabalho pedagógico da escola é cuidar da formação do educando, para isto, é necessário que alunos cumpram com as regras e limites impostas pela escola. No entanto, para dar certo é preciso que se trabalhe com afeto, mesmo sabendo que é difícil. Os momentos de afetividade presenciados e vividos na escola pelas crianças e adolescentes são fundamentais para a formação de uma personalidade equilibrada e saudável. Não esquecendo o principal, este sujeito aprenderá mais e melhor.

Infelizmente algumas escolas estão mais preocupadas com a questão dos conteúdos do que com as questões dos afetos. Quer saber mais de quantidade de informações que são passadas para os alunos ao invés de afeto que muitos necessitam. Sendo assim, afastando-se cada vez mais do ser humano, tratando os alunos como números, repassando o conteúdo e nada mais, esquecendo-se que estes alunos passam metade de seus dias durante 200 dias por ano na escola, e a mesma perde a oportunidade de ajudá-los a desenvolver a afetividade.

Conforme Zagury (2009), afeto e carinho são sempre positivos, mas não determinam por si sós, a aprendizagem. Com base na análise dessa autora sobre o afeto e carinho em sala de aula não ser o suficiente para a aprendizagem, considera-se que há outros fatores que ajudam nesse processo.

O diálogo entre escola e família não pode acabar jamais, são duas instituições educativas, embora tenham outras, porém a escola e a família são as mais importantes.

Parolin (2010) contribui dizendo que é em família que uma criança constrói seus primeiros vínculos com a aprendizagem e forma o seu estilo de aprender. Acrescenta dizendo



que nenhuma criança nasce sabendo o que é bom ou ruim e muito menos sabendo do que gosta e do que não gosta.

A tarefa dos pais, dos professores e dos familiares é a de favorecer uma consciência moral, pautada em uma lógica socialmente aceita, para que, quando essa criança tiver de decidir, saiba como e por que está tomando determinados caminhos ou decisões (2010, p. 42).

É importante que a escola envolva mais os pais em seus eventos e programações escolares, esta união fortalecerá o vínculo positivo entre família e escola. Ela deve tomar consciência de que é uma instituição afetiva que complementa a família, caso pense ao contrário, ter-se-á crianças e adolescentes que aprenderam, mas não saberão por em prática sua aprendizagem, porque afetivamente não aprenderam nada. A criança e o adolescente só terão prazer em ir à escola a partir do momento que se sentem cuidados, amados, sem afetividade o progresso será lento.

Em outras palavras Parolin argumenta:

Educar implica, antes de tudo, apresentar o mundo habitado por outros que também têm desejos; apontar caminhos para que a própria criança possa desenvolver seu senso crítico, podendo avaliar a sua realidade com base em valores morais e não no senso comum (2010, p. 42).

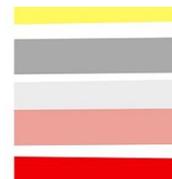
Para apresentar as crianças este mundo complexo e ao mesmo tempo repleto de desafios, requer do responsável postura e posicionamento.

De acordo com Parolin (2010) muitos pais não repreendem seus filhos na tentativa de os pouparem das frustrações e dos insucessos. Esquecem, no entanto, que experimentar tais sentimentos é caminho para o amadurecimento e a competência.

Em síntese a autora argumenta:

Elogiar os filhos pela sua capacidade, ou repreendê-los pela “falta” dela, e não por seus esforços em conseguir algo (mesmo que não tenha obtido sucesso em seu intento), pode impedi-los de entender e aceitar o fracasso como parte de sua vida. Muitas crianças e jovens tornam-se extremamente exigentes consigo mesmos e não se permitem experimentar nada que desconheçam ou não dominem, tornando-se resistentes a novas aprendizagens (2010, p. 44).

É essencial que os pais e a escola trabalhem de forma que integrem os educandos nas diversas atividades do dia a dia na escola e em casa, mostrando os desafios e a força de vontade para enfrentá-los; estimulando-os e confiando no progresso que terão.



5 Considerações finais

Sabe-se que a afetividade é uma palavra quase em extinção na sociedade, algumas pessoas não sabem mais o que é isso, vivemos em uma agitação tão grande, as novas tecnologias afastam as pessoas, é melhor conversar virtualmente do que pessoalmente, as crianças vão à escola, mas a socialização fica a desejar, o conteúdo é mais significativo, seguir o currículo escolar e o ensino parece ter uma maior relevância. Os sentimentos ficaram esquecidos, como se não fizesse parte do ser humano.

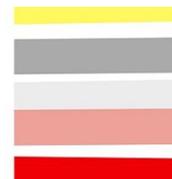
Todos nós sabemos da importância da socialização, da afetividade, mas também das regras, valores e limites, creio que é possível darmos as nossas crianças tudo isso e um pouco mais, afetos, mas não esqueçamos que os sentimentos devem ser levados em consideração.

As crianças precisam de contato físico, socializar-se com outras crianças, aprender com outras crianças, se defenderem, ser criança de verdade e não um robô programado.

Os limites devem sim ser colocados e esclarecidos as crianças, os valores devem ser ensinados desde a mais tenra idade, e para que isso ocorra, são os pais os primeiros professores.

Ao escrever este artigo fiz vários questionamentos: aprendizagem significativa existe de fato, os educadores estão valorizando o conhecimento prévio dos pequenos, a afetividade ela existe de fato nas inter-relações, os limites, os valores as regras, como os pais e professores estão lidando com tudo isso, mas o que me fez pensar mais foi o verdadeiro papel da afetividade no cotidiano, seja em casa no seio familiar ou na escola, ou em outro ambiente sociedade, o que pude perceber é que a afetividade deve ser mais bem praticada, permeada em todos os setores de trabalho e principalmente na educação das crianças, tanto em casa como na escola, entendendo que a criança só aprende com prazer, quando é repassado o conteúdo com amor. O aprendizado só ocorre quando a criança sente-se inserida no contexto e não é um objeto do processo, mas um ser humano que sente raiva, que sente alegria, que dar carinho, mas também quer receber.

A relevância da afetividade para aprendizagem significativa só é estimulada através da vivência, onde o professor/educador estabelece vínculos de afeto com o educando. Sabe-se que toda criança precisa de estabilidade emocional para aprender, e a afetividade é eficaz nesse processo.



Este artigo me fez pensar sobre o papel do educador na vida do educando, o papel da família na educação de base, o papel da escola junto à comunidade escolar e a parceria família escola.

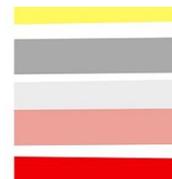
Finalizo dizendo que cabe a família trabalhar os limites, as regras e os valores, cabe à escola enxergar o aluno como um ser único que precisa aprender, mais acima de qualquer coisa, é necessário compreender que a afetividade precisa existir na vida de todos os educadores e familiares se quiserem ter uma sociedade mais justa, sensível e compreensiva.

Referências

- ALMEIDA, Ana Rita Silva. (1999). *A emoção na sala de aula*. São Paulo. Papirus.
- CAPELATTO, Ivan R. (2008). *Diálogos sobre a Afetividade - O nosso lugar de Cuidar*. Campinas-SP. Ed. Papirus.
- GALVÃO, Izabel, (1996). *A Questão do Movimento no cotidiano de uma pré-escola*. São Paulo. Cadernos de Pesquisa.
- GALVÃO, Izabel. (1995). *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis-RJ. Ed. Vozes.
- GOMIDE, Paula I. C(2007). *Pais presentes pais ausentes: Regras e Limites*. Rio de Janeiro: Vozes.
- MATURANA, Romicim Humberto & VERDEN ZÖLLER. (2004). *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia*. São Paulo. Palas Athena Editora.
- MUSSEN, Paul; CONGER, John; KAGAN, Jerome. (1977) *Desenvolvimento e Personalidade da criança*. São Paulo. Harbra.
- NUNES, Ana Ignez Belém Lima e SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. (2008). *Psicologia da Aprendizagem: processos, teorias e contextos*. Fortaleza. Liber livro.
- ÓSCAR C. de Sousa (2008). *Do colo à construção da cidadania: por uma escola acolhedora*. Revista Lusófona de Educação, 2008,11, 105-112.
- PAROLIN, Isabel. (2010). *Professores formadores: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem*. 2. ed. São José dos Campos-SP: Pulso.
- PIAGET, Jean. (1976). *A construção do real na criança*. Rio de Janeiro: Zahar.



AFLUENTE:
REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



- PIAGET, Jean. (1971). *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Zahar.
- PIAGET, Jean. (1974). *Educar para o Futuro*. Trad. Rui B. Dias. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- TIBA, Içame. (1996). *Disciplina na Medida certa*. 69ª ed. São Paulo: Gente.
- VIGOTSKI, L. S L; URIA, A. R. e LEONTIEV, A. N. (1991). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Cone.
- VIGOTSKI, L. S. (1984). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- VIGOTSKI, L. S.. (1993). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- WADSWORTH, R. S. & Marquis, Donald (1996). *Psicologia*. São Paulo: Nacional.
- WADSWORTH, J. Barry. (1996). *Inteligência e Afetividade da criança na teoria de Piaget*. 4 ed. São Paulo:Pioneira.
- WALLON, Henri. (1968). *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70.
- WALLON, Henri. (1975). *Psicologia da Educação e da Infância*. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa.
- WEBER, Lídia (2005). *Eduque com carinho: para pais e filhos*. Curitiba. Juruá.
- WINNICOTT, D.W. (1990). *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago.
- WINNICOTT, D.W. (1971). *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- ZAGURY, Tania. (2004). *Os Direitos dos Pais: construindo cidadãos em tempos de crise*. Rio de Janeiro: Record.
- ZAGURY, Tania. (2008). *Educar sem culpa: a gênese da ética-questões que afligem e reflexões que aliviam os pais modernos*. Rio de Janeiro: Record.
- ZAGURY, Tania. (2009). *O professor refém: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Record.
- ZAGURY, Tania. (2012). *Limites sem trauma – construindo cidadãos*. Rio de Janeiro: Record.

Recebido em: 02 de março de 2018.

Aprovado em: 04 de abril de 2018.